

## **Paredão na Calçada, Polícia na Porta: Conflitos Vicinais e Transformação da Diversão nas Periferias de São Miguel dos Campos – Alagoas**

### **Soundssystem on the sidewalk, police at the door: neighbourhood conflicts and leisure practices in São Miguel dos Campos, Alagoas**

Nido Farias dos Santos<sup>1</sup>  
Fernando de Jesus Rodrigues<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este trabalho visa compreender aspectos das mudanças nos padrões de lazer e diversão de moradores de bairros populares da cidade de São Miguel dos Campos, Alagoas. Tomamos como fio condutor a problematização da emergência de tensões sociais em espaços residenciais que gravitam em torno de paredões de som. A imersão etnográfica, aliada a uma perspectiva figuracional, fez perceber que a memória de antigos moradores de uma cidade pacata havia sido perturbada pela presença desses aparelhos, ensejando um aumento da pressão por controle sobre a diversão sonora. Argumentamos que as pressões que incidem sob a regulação social da diversão evocam a desestabilização de antigas solidariedades socioespaciais, impactadas pelo rompimento de laços comunitários e pela progressiva integração dos mais pobres a mercados culturais. As consequências desse processo social são a maior participação de populares em esferas de ação cultural sentidas como mais autônomas em que o sentido de ser “indivíduos” aponta para novas figurações das interdependências socioafetivas em pequenas cidades do Brasil.

**Palavras-chave:** Lazer e diversão. Paredões de som. Conflitos vicinais. Controle social. Individualização.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas PPGS-UFAL, Maceió, AL, Brasil). E-mail: nidofarias@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2478-6805>.

<sup>2</sup> Professor do Instituto de Ciências Sociais (ICS) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGS-UFAL, Maceió, AL, Brasil). E-mail: fernando.rodrigues@ics.ufal.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8842-856X>.

## Abstract

This work aims at understand changes in leisure and fun gatherings patterns of poor neighbourhood dwellers from São Miguel dos Campos in Alagoas State. We take the problem of social tensions emergence around “big sound walls” (paredões de som) in residential areas as conductor line of the analysis. The ethnographic immersion, connected to a figurational perspective, made us perceive that the memory of a peaceful medium-sized city has been disturbed by these sound gadgets, increasing the social pressure to control the entertaining scenarios. We argument that pressures over fun gatherings social regulation evoke the destabilizing of old social-spatial solidarities, hit by rupture of communitarian ties and by progressive integration of the poorer to cultural trade relations. One of the consequences of this process has been the participation increase of poor people in cultural action spheres. They have been felt themselves as more autonomous in the sense of being “individuals” and this phenomena signals new figurations of socio-affective interdependencies in Brazilian medium-sized cities.

**Keywords:** Leisure. Fun. Big sound walls. Neighbourhood conflicts. Social control. Individualization.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo compreender aspectos das mudanças recentes nos padrões de lazer e diversão de moradores de bairros populares da cidade de São Miguel dos Campos, Alagoas, tendo como fio condutor a problematização da emergência de tensões sociais em espaços que gravitam em torno de equipamentos popularmente conhecidos como paredões de som. O principal problema a ser explorado é o da relação entre a irrupção de conflitos vicinais motivados pelo uso desses aparelhos e o desaparecimento de um repertório de diversões populares associado ao universo católico e canavieiro, como o coco e as quadrilhas. Falamos de um processo social que registra a erosão de um padrão de autoprodução cultural comunitária centrado na organização de festas e divertimentos por e para moradores dos bairros ou roças e o crescimento do papel do mercado monetizado como meio de satisfação das carências diversionais.

Os paredões de som, equipamentos sonoros com proporções monolíticas, difundiram-se entre as camadas médias da sociedade miguелense como modelo de diversão sonora-dançante, a exemplo de outras cidades do Nordeste<sup>3</sup>, atraindo principalmente jovens. Desde então, os aparelhos têm invadido os bairros residenciais e espaços públicos em festas cujos traços marcantes, ressaltados pela “cultura do paredão”

---

<sup>3</sup> As capitais Fortaleza, Recife, Maceió e Teresina são exemplos.

(COSTA, 2014; HEBENBROCK, 2012; TROTTA, 2012), são o consumo de bebidas alcoólicas e os jogos e performances erótico-dançantes (RODRIGUES; SOUZA, 2017).

Na mesma senda, o paredão de som tem se popularizado tanto como técnica quanto como linguagem expressiva nas periferias de São Miguel, atraindo o interesse de grupos de diferentes faixas de renda e de idade, em projetar, construir ou simplesmente comprar sistemas de som<sup>4</sup> com o fim de se divertirem sob uma ambiência de superlativização sonora, servindo de entretenimento para grupos confraternais<sup>5</sup> nos espaços das calçadas, contíguas às residências.

Na contrapartida da diversão, os usos dos paredões de som têm gerado mal-estar constante, desencadeando acúmulos de tensões entre participantes, moradores e agentes do Estado. Órgãos executivos municipais, autoridades policiais e judiciais locais têm procurado regulamentar o uso dos aparelhos nos espaços públicos (NICÁCIO, 2013b; PROPRIETÁRIOS..., 2014) em defesa de discursos normalizadores. O domínio das práticas de lazer associadas ao paredão alcançou, assim, o *status* de problema público-civilizatório na cidade. Entretanto, os contornos da questão pública estavam circunscritos às tensões nos territórios de mais baixa reputação social de acordo com jornais. O problema público discursivamente difundido a partir dos vínculos entre jornais, judiciário local, polícia e moradores estava associado às pressões por estabelecer dispositivos de controle sobre as emoções diversionais nas periferias de São Miguel dos Campos.

O clamor de moradores por descanso está na base da demanda normalizadora. Vizinhos que se sentiam importunados vêm travando conflitos mais ou menos abertos com proprietários de aparelhos cujos níveis de dramaticidade as manchetes cumprem o papel de revelar: “Som alto tira o sossego de moradores de bairro em São Miguel dos Campos” (KENNEDY, 2011); “Briga por conta de som alto acaba em morte na madrugada de réveillon em São Miguel dos Campos” (GOMES, 2012); “Casal é notificado por desobedecer portaria que proíbe uso de som em São Miguel dos Campos” (NICÁCIO, 2013a); “Som alto leva Polícia Militar a descobrir que denunciado era procurado” (SOM..., 2015).

---

<sup>4</sup> Produto final da montagem de equipamentos de reprodução de mídia, caixas acústicas, drives, cornetas, mesas equalizadoras, *receivers* e outros elementos integrados como uma unidade de reprodução sonora capazes de serem expandidas por meio de novos elementos de maior potência e qualidade.

<sup>5</sup> Sobre a ideia de confraternal, ver Rodrigues (2019).

A partir da imersão etnográfica nos espaços de conflito, a percepção da irrupção histórica recente das tensões sociais que envolvem a diversão sonora nos bairros populares fez surgir o problema a ser explorado neste trabalho: o da mudança do padrão de organização do lazer popular na cidade que subjaz ao mal-estar nas redes de vizinhança de bairros periféricos. A memória de antigos moradores de uma “cidade pacata”, “boa de se morar”, havia sido perturbada pela presença de aparelhos sonoros potentes que invadiram os residenciais. Se essa pista nos levava a perguntas sobre o passado do lazer na cidade, acabou sinalizando mudanças dramáticas no modo como as camadas mais pobres organizavam seus momentos de diversão, resultando numa persistente ambiência de desconforto coletivo.

Primeiramente, propomos uma topografia das tensões sociais que envolvem os paredões de som. A seguir, argumentamos que as pressões que incidem sob a regulação social da diversão evocam a desestabilização de antigas solidariedades socioespaciais, reveladas pelas contendidas vicinais. Logo depois, conduzidos pelos medos e desejos de uma personagem dos conflitos, reuniremos alguns elementos histórico-figuracionais para apontar mudanças ocorridas nos últimos 30 anos na organização do lazer dos bairros residenciais, resultantes do processo de “periferização urbana” e do aumento da integração das camadas pobres aos mercados culturais nacional e internacional.

## **Paredões de Som Como Objeto de Conflitos: Uma Topografia das Tensões Sociais**

Os paredões de som, já conhecidos em diversas cidades do Nordeste, chegaram a São Miguel dos Campos, cidade do interior de Alagoas localizada na zona da mata que se desenvolveu ligada à atividade industrial sucroalcooleira, no final da primeira década dos anos 2000 por meio do investimento de jovens homens da classe média empresarial, de setores do comércio e, de forma significativa, dos esforços de donos de montadoras de som automotivo da cidade. Eles ajudaram a estruturar uma rede de serviços a partir da qual se difundiu na região o gosto pela aquisição de equipamentos de sons automotivos.

Os sistemas sonoros são formados pelo agrupamento estético-funcional de aparelhos de reprodução de grande potência montados sobre o reboque de automóveis. Resultam do investimento monetário que dá forma a uma rede comercial mais ou menos extensa, conectando serviços

de venda de equipamentos, fabricação de estruturas de madeira e de montagem do som. Adquirido na maioria das vezes sem a perspectiva de lucro econômico, os paredões compõem as divisas materiais de setores da classe média miguelense como símbolo de status e traço de estilo.

Indissociável das sociabilidades masculinas fixadas na potencialização sonora é o regime de visibilidade que o constitui objeto de práticas festivas de jovens urbanos de pequenas e médias cidades. As festas de paredões se desenvolvem em bairros residenciais, em espaços públicos, como praças e ruas, e privados, quintais e áreas de lazer, delimitando os círculos socioafetivos do proprietário, mas abrindo potenciais espaços de gravitação para estranhos simpáticos à ambiência sonora. Traço marcante em diversas observações, o consumo de bebidas alcoólicas, a conversa, a paquera, a dança e intercursos amorosos entre casais costumam estruturar o desenvolvimento da diversão, tomando lugar em eventos musicais, praias próximas à cidade, parques, praças e postos de gasolina. Compartilhar espaços urbanos sob uma ambiência de superlativização sonora é parte do que pode se chamar de “cultura do paredão” (HEBENBROCK, 2012), que se difundiu para cidades do interior no Nordeste irradiada por cidades como Natal-RN, Salvador-BA, Recife-PE, Maceió-AL e Teresina-PI, e por gêneros musicais como o forró eletrônico<sup>6</sup>: “Liguei meu paredão: Parei meu carrão lotado de menina. Liguei meu paredão no posto de gasolina” (LETRA MÚSICA, 2012 apud COSTA, 2014). Para Hebenbrock (2012), esse estilo musical tem encontrado nos paredões espaço especial para encontros e práticas de sociabilidade e consumo de bebidas alcoólicas. Suas letras exaltam a tríade festa, amor e sexo, dominante nos conteúdos, a sub-tríade festa, automóvel e aparelhagem de som.

O ano de 2013 foi significativo no que tange ao aumento da popularidade dos paredões em São Miguel dos Campos, quando teve lugar “O primeiro encontro de sons mecânicos em paredões automotivos superpotentes”, intitulado de “Campeonato de Som Automotivo DB Champions”<sup>7</sup> (PRIMEIRO..., 2013). Na ocasião, o evento integrou o município ao circuito regional de encontros de amantes de sistemas sonoros automotivos. As dinâmicas de exposição, competição e sociabilidade que tomaram o evento, atraindo participantes e admiradores da cidade e de outras partes do estado, catalisaram, em seu desenvolvimento, experiências dos miguelenses, já acostumados aos paredões em seu cotidiano.

---

<sup>6</sup> Aspecto marcante de estilização da vida desses grupos, o forró eletrônico é uma referência musical de destaque, como em boa parte das capitais nordestinas.

<sup>7</sup> Ver: <http://www.dbchampions.com.br>

Os paredões em São Miguel têm sido marcados por uma forte ambivalência. Ao passo em que assumem o papel de objeto de desejo de muitos, constituem matéria notória de desafetos de outros tantos que dividem os espaços públicos como calçadas, ruas, praças e largos. Sua cristalização como símbolo de diversão, status socioeconômico e poder é mediada por uma tensão de natureza sociopsíquica que ganha terreno na percepção coletiva através das instâncias societárias de comunicação e poder.

O ano de 2013 também ofereceu matéria para uma sorte de mecanismos de controle social sobre seus usos. O juiz da 3ª vara criminal de São Miguel dos Campos desferiu um golpe sobre a liberdade de sua realização nos espaços públicos, “proibindo o uso indevido de som em veículo automotor, aparelho que produza sons, ruídos ou sinais acústicos – em especial o denominado ‘paredão’ –, que perturbe o sossego alheio” (NICÁCIO, 2013b). A resistência por parte dos proprietários e dos participantes das festas levou ainda a intensificação do controle e repressão policial no ano de 2014. “A Polícia Militar de São Miguel dos Campos [...] solicita a todos os proprietários de paredões ou som alto na cidade que optem pelo bom senso, doutra forma a fiscalização será aumentada” (PROPRIETÁRIOS..., 2014).

O paredão como modelo de diversão sonora tornou-se uma questão pública através de tensões locais difusas nos diversos espaços residenciais e públicos reapropriados, como as ruas e praças dos conjuntos habitacionais, as praças e postos de gasolina no centro da cidade além das lojas, igrejas e casas. Dentre os discursos que espiritualizam a sua crítica, três se destacaram nas incursões etnográficas. O primeiro deles, de menor expressão, em circulação nos espaços mais intelectualizados de que fazem parte estudantes universitários e aspirantes à produção cultural é o de inferiorização do paredão por estar centrado em linguagens musicais e dançantes sexualizadas além de expor música de baixa qualidade e ser executada em alto volume. Expunham uma acepção moral da estética como (re)conhecimento de condições de existência desprivilegiadas nas lutas por legitimidade no campo dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007) — frente a repertórios musicais canônicos do rock nacional e internacional e da música popular brasileira.

Outra forma de crítica emanava dos efeitos da crescente evangelização pentecostal em curso na cidade, onde igrejas protestantes e coletivos de diversão sonora disputavam o espaço e o tempo nos fins de

semana. Práticas antagônicas aos cultos religiosos, reprovadas por estes, entre outras coisas, pelo consumo de bebidas alcoólicas que acompanham as festas, não raras vezes reproduziam, pelo contato, as fissuras simbólicas que reservam ao lazer musical o lugar profano do “mundo” decaído, impuro e sensualista. Isso se processa dentro do próprio universo do lazer. Muito do tempo livre dos fiéis e de suas famílias tem sido ocupado pelas igrejas evangélicas de diferentes vertentes. Nelas pregam-se orientações para preencher o tempo ocioso do fiel através da oferta de cursos bíblicos, atividades recreativas infanto-juvenis e artístico-culturais. Entretanto, as formas mais eloquentes de resistência à difusão de sistemas sonoros foram os manifestos por uma massa de trabalhadores idosos e enfermos em busca de descanso, ficando nítida a divisão geracional de julgamentos dos paredões.

As festas de paredões desencadearam reações que evidenciam a intensificação do controle social de agentes do estado e da comunicação sobre espaços e práticas lúdico-expressivas em Alagoas, anteriormente regulamentadas por proprietários e trabalhadores rurais em uma figuração marcada pela ausência ou por baixos controles das emoções exercidos pelos aparelhos estatal e comunicacional. Os conflitos podem ser descritos como a busca pela determinação de espaços legítimos de excitação individual e coletiva em terreno — o lazer em bairros residenciais e suas intersecções com lugares públicos — até pouco tempo atrás governado por poderes relativamente alheios à regulação e repressão estatal.

Para Elias e Dunning (1992), a determinação de parcelas do espaço-tempo social destinadas ao lazer nas sociedades modernas se definiu na esteira do processo civilizatório ocorrido no ocidente, grosso modo descrito pela centralização do controle estatal e por transformações psíquicas no sentido do crescimento do autocontrole individual sobre as pulsões instintivas (ver O processo civilizador, ELIAS, 1993). Sob esse prisma, o conceito de lazer tomou rumo diferente de sua acepção clássica. A partir da teoria dos processos civilizadores, outra função básica passa a ser atribuída ao lazer, o regime de extração de prazeres pela excitação das emoções e não seu apaziguamento.

À luz desse quadro, sem ter, porém, de transpô-la de forma automática para o contexto brasileiro e alagoano, colocamos o problema de como a irrupção de lutas pela determinação de espaços legítimos de excitação pode revelar a natureza e o curso de transformações sociopsíquicas relativas a mudanças históricas na regulação social e autorregulação da conduta individual. Nós seguiremos essa pista, ainda mais porque a topografia das tensões sociais motivadas pelas festas de

paredões aponta para as feições contemporâneas tanto dos conflitos quanto das formas de controle e autocontrole das emoções nas periferias, especialmente em conjuntos residenciais populares, de cidades pequenas e médias do interior do Nordeste como São Miguel dos Campos.

## **O Acirramento das Tensões Sociais nos Bairros Populares e a Transformação do Lazer Popular**

A imagem dos paredões como modelo cultural invadiu os bairros populares, encontrando lugar próprio na vida de indivíduos que organizam suas atividades de tempo livre. Homens que desempenham funções braçais na indústria sucroalcooleira ou no setor informal de serviços se integraram ao universo da potencialização sonora, fazendo com que estas técnicas e as linguagens de diversão associadas a elas assumissem um caráter próprio.

As restrições à consecução dos objetivos técnico-estéticos dos paredões — nos termos daqueles dos jovens mais ricos da cidade — encontram barreiras nos recursos econômicos gerais da maioria. Expressão mais distinta e valorizada da cultura da potencialização sonora, é tanto mais rarefeito quanto se aproxima dos bairros populares. Para as pessoas que vivem nesses espaços, as condições de mobilidade são um aspecto importante de estruturação das práticas. A posse de automóveis, onde se embute os sistemas de som, não é muito comum. Figuram como meios de locomoção principais o sistema de transportes municipal, composto por ônibus, e o sistema complementar, composto por vans e moto-táxis, logo depois, as motocicletas privadas. O automóvel representa um papel importante nas lógicas de atribuição de prestígio justamente porque simboliza a diversão distante da residência e, com isso, do modo de expressão característico de parte da população pobre. É privilégio dos grupos mais endinheirados decidir onde e como se divertir, se nas praças, nas praias fora da cidade ou nos balneários<sup>8</sup> que a margeiam.

Nos residenciais populares, porém, a principal referência do lazer é o lar, suas calçadas e as ruas, cujos limites entre eles não expressam fronteiras bem demarcadas entre o que é de uso próprio e de uso de todos. Parece que a negociação dessas fronteiras é o que está em questão entre os moradores, ora através da polícia, da recorrência ao juiz, aos jornais e também pelos bate-bocas entre vizinhos e pela intimidação com arma de fogo, algumas vezes resultando em assassinatos. A condição agonística

---

<sup>8</sup> Representam esses lugares as praias da Barra de São Miguel e do Gunga, principalmente, e os balneários do Coité, povoado próximo à cidade.



desses conflitos, expressa na diversidade de maneiras com que as pessoas lidam com eles, incluindo a eliminação do outro, parece guardar as marcas das maneiras agressivas e violentas com que as famílias pobres de sítios e plantações de cana resolviam suas contendas entre si, marcadas pelo modo como os patrões podiam se valer da força para impor suas vontades (FREITAS, 2003).

Na medida em que foram forçados a se deslocar de residências rurais para barracos (moradias informais) e conjuntos de casas populares na cidade, as formas de regulação de conflitos nos territórios de moradia já não era o patrão, senhor todo-poderoso. Esse movimento de mudança da moradia rural para a periferia urbana entrelaça-se a alterações abruptas nos modos de trabalho, nos vínculos vicinais e nas formas como religião e diversão se estruturam. Tanto a necessidade de descansar quanto a de se divertir ou confraternizar, em casa ou em cultos evangélicos, estão no foco de batalhas que acabam por elaborar e expressar novos dispositivos de controle para que diferentes grupos possam equilibrar entre si a excitação das emoções como algo que tem uma dignidade própria e os limites postos por aqueles que simplesmente querem “paz e descanso”. Como efeito do intenso e abrupto processo de aproximação psíquico-social entre grupos em novas zonas de moradia popular, aumenta-se as pressões associadas às demandas por “tranquilidade” nos residenciais de “baixa renda”.

Alguns bairros populares registraram há alguns anos vários fatos que sinalizam o nível de tensão mortal a que chegaram os laços socioespaciais nessas áreas. Dois casos chegaram à mídia relatando conflitos entre vizinhos que acabaram na morte de uma das partes. O som alto fora o “motivo” dos crimes<sup>9</sup>. Uma condição para reações tão violentas é o fato das festas ocuparem espaços exíguos de comunhão da vida entre uma camada urbana de origem e filiação social diversa, que obedece a formas de conduta diferentes, em estreita interdependência espacial.

## **Política, Programas de Habitação Popular e Capitalismo Cultural**

São Miguel dos Campos enfrentou a partir da segunda metade do século XX um processo de urbanização politicamente induzido que levou a transformação radical da sua paisagem urbana. As pressões exercidas pela modernização do setor sucroalcooleiro, com a substituição dos

---

<sup>9</sup> O conflito seguido de morte acerca do som alto em bairros residenciais recebeu atenção da mídia nos dois casos abaixo (GOMES, 2012; SOM ..., 2011).

engenhos banguês pelos métodos industriais das usinas iniciada no fim do século XIX impulsionaria, não só em São Miguel, mas em todo o estado, um deslocamento contínuo da população rural, observado já na década de 1920 e acentuado a partir da década de 1960 (CARVALHO, 2009). Isso favoreceu o surgimento de um mercado político relacionado a demandas por habitação por parte das camadas migrantes e mais pobres cujo poder de voto atrairia a atenção dos agentes em disputa no campo político.

Conforme Santos (2007) e Castro (1991), na década de 1960, sob a forma de doação de lotes, o Prefeito Humberto Maia Alves criou quatro novos bairros, expandindo o espaço urbano também para a parte alta, com o bairro de Fátima, localizado acima do vale onde a cidade teve origem na colônia. Essa política manteve-se aliada à ideia de desenvolvimento urbano também na administração de Wellington Torres, iniciada em 1985. Ele criaria ainda mais quatro loteamentos, Esther Soares I e II, Wellington Torres e Edgar Palmeira, indicando a continuidade das demandas por habitação na cidade e de sua participação no jogo político, tendo como contraparte a demarcação decisiva de um caráter urbano sobre o campo.

Na década de 1990, a relação entre o desenraizamento das populações rurais e a reconfiguração do espaço urbano assumiu forma mais dramática do que nas décadas anteriores. Nivaldo Jatobá, empresário usineiro com extensa rede de negócios na região circunvizinha à cidade e fora dela, chegou à prefeitura municipal em 1996. O problema gerado pelo contexto da reestruturação produtiva do setor sucroalcooleiro, influenciado por políticas neoliberais além da extensão de direitos ao trabalhador do campo promulgada pela carta de 1988 (sobre isso, ver CARVALHO, 2009) culminou com o acordo entre patrões-usineiros para destruir as moradias dos trabalhadores rurais dentro das propriedades das usinas, resultando na expulsão de quarenta e sete mil (47.000) famílias da zona rural de todo o estado de Alagoas (QUEIROZ, 2013).

Os fluxos populacionais se apresentavam à época particularmente intensos, o que fez com que o Prefeito criasse os conjuntos habitacionais Hélio Jatobá I, II e III, na parte alta da cidade, destinando os trabalhadores oriundos do campo, intermediando os interesses de fazendeiros, empresários, donos de usinas e as carências habitacionais geradas pela derrubada das casas nas propriedades rurais com o objetivo de evitar indenizações trabalhistas. A expressividade do êxodo para a composição da estrutura sociourbana pode ser representada em números pela transformação da concentração populacional urbana em relação à zona

rural do município. Conforme o IBGE (SANTOS, 2007), na década de 1960, período do primeiro impulso das políticas de habitação popular reportadas, a concentração urbana era de 30%, com 70% da população do município dispersa na zona rural. Já em 1991, os números da concentração urbana mudaram para 44,2% e 56%, respectivamente. Em 2001, com o processo de derrubada dos arruados rurais nos territórios das fazendas e usinas praticamente finalizado, 83% da população já se localizava no espaço da cidade, progredindo, num novo impulso, em 2010, para 96% da população.

Na medida em que o mercado de trabalho se contraía para a massa de migrantes, tanto pela competição quanto pelo efeito da própria reestruturação do setor (ASSIS, 2014), os fluxos interurbanos e interestaduais em busca de emprego aumentaram, fazendo crescer ainda mais diversidade de tipos humanos a dividirem os espaços residenciais populares.

Nesse cenário, as calçadas das residências tornaram-se o espaço privilegiado de encontros e festas. O aparelho costuma ser colocado sobre qualquer parte da extensão da calçada ou sobre o umbral de portas e garagens, posicionado em diferentes ângulos para a rua. Já os carros, menos comuns, costumam ficar na rua com o porta-malas aberto paralelamente à calçada. Sobre seu plano, os participantes dispõem cadeiras, aparelhos de cozinha, comem churrasco e outros petiscos, tomam cerveja e bebidas quentes, dançam, socializam-se em grupos de conversa que incluem amigos, familiares, vizinhos e transeuntes conhecidos.

As festas geram laços com a vizinhança através da correspondência entre as carências por lazer dos moradores e a oferta do som, criando situações de interdependências potenciais, ou seja, muitas vezes as pessoas já contam que podem se divertir através dos paredões. Isso garante um espaço parcialmente legítimo para o seu desenvolvimento. Dentre os muitos condicionamentos que a posição desfavorável das camadas populares no espaço social inflige ao comportamento de seus integrantes, há aquele que atua na minimização das divisas pessoais, das apresentações formais e das maneiras que obstaculizam a solidariedade necessária à sobrevivência cotidiana, baseado na consciência prática e na antecipação pelos agentes das condições sociais e materiais do presente (BOURDIEU, 2007).

A casa, a calçada e a rua fazem parte de um curto-circuito entre o interior e o exterior, o íntimo e o público. A vida cotidiana é marcada pela interpenetração das intrigas, das brigas e desavenças familiares, que ultrapassam as paredes e ganham, não raro, o cenário das ruas. Nas calçadas põem-se as roupas ao sol, deitam-se os corpos para o descanso,

prega-se o evangelho. Funções das interdependências socioespaciais que atuam no estreitamento das divisas entre o público e o íntimo, a proteção, segurança, apoio afetivo e material formam condições sociais básicas para a tolerância por parte dos moradores.

Entretanto, na paisagem social diferenciada de coabitantes de espaços-destino diaspóricos — antigos moradores *versus* moradores recém-estabelecidos, idosos *versus* jovens, evangélicos *versus* mundanos, bandidos *versus* pais de família —, o estreitamento das interdependências socioespaciais são também as condições do retesamento da malha social (VELHO, 2007). A resistência às festas, justificada pelos discursos fundados em juízos intelectuais, religiosos, médicos e na defesa do espaço público, ganha unidade no ataque a uma sensibilidade particular cuja síntese é a saturação dos sentidos, “coisa de pobre”, “mal-educado”, “mundano”. As críticas são dirigidas ao volume do som, à extensão das festas até tarde da noite, ao consumo excessivo de álcool, ao consumo de músicas com conteúdo sexual e à exposição das expressões no espaço das calçadas, tudo aquilo que, em um discurso civilizatório, visa diminuir o status humano do outro por sua incapacidade de autodomínio necessário à convivência mútua.

Um caso particular condensa uma sorte de relatos sobre esse fato. Cláudio Lopes é morador do conjunto habitacional Esther Soares Torres II, na parte alta da cidade. Em uma de nossas conversas, falou sobre o conflito entre sua mãe e três vizinhos que costumavam se divertir na calçada de suas residências.

— *Sempre teve problemas com pessoas relacionadas a som alto? — Não, nunca teve não. Começou a ter esses problemas de cinco anos pra cá. Antes disso, não lembro de nada parecido. Era tranquilo, muito boa de se morar.*

— *E por que não é mais assim? — Bom, segundo minha mãe, foram três vizinhos, que bebem, muito, aí começa normal, sociável, aí começa a ficar bêbado, meio alto, e começa a levantar o som junto com a cachaça deles, né. Aí fica aquele som alto incomodando os vizinhos, eles colocam as caixas de som na calçada, não ficam só dentro de casa, pra eles mesmos, botam na rua pra o pessoal ouvir também o que eles tão curtindo lá, né? Socializando.*

[...] — *Você conhece outros vizinhos que se incomodam com isso? — Sim. Todos os vizinhos que moram em volta se incomodam com isso. O do lado esquerdo e do lado direito são evangélicos, se incomodam, que até minha mãe já chamou a polícia uma vez só pra eles. Outras vezes a polícia já chegou lá para desligar, foram os vizinhos. Os vizinhos não gostam das músicas que eles põem porque às vezes são depreciativas, falando palavrão e depreciando*

*a mulher e tudo mais. Já chamaram a polícia algumas vezes. Tanto é que foi por causa disso que um deles parou de tocar. A polícia foi lá, pra mandar ele parar, aí foi outra vez. Aí disseram que vinham uma vez, e que ele ia preso, coisa desse tipo, aí nunca mais esse ligou. Aí depois de um tempo ele se mudou. Aí o outro também parou com ele (o som), mas ele continuou também. Chamaram uma vez pra cada um, aí eles pararam. Pararam um tempo, mas voltaram. Agora ele liga esporadicamente [...] agora é só um. Pra esse eles já chamaram também. Aí ele deu uma diminuída. Aí de vez em quando, final de semana, dois no mês, aí ele liga, mas não muito tempo. Fica uma horinha, duas, aí desliga. Fica mais muito tempo não. Agora ele faz zoada, que eu tô sabendo, em outro canto, em outro bairro, na casa dos irmãos dele. Aí parece que já chamaram a polícia pra ele. Ele fica lá bebendo com os irmãos. Lá no Hélio I e no Hélio III. A polícia foi mandou pegar ele no Hélio I e no Hélio III. No Hélio I minha irmã morava lá, aí, viu, porque ele fazia zoada. Aí vieram e a polícia chamou. A minha irmã mudou pro Hélio III, vizinha do irmão dele, aí ele também fazia zoada lá. Aí ela disse que a polícia foi lá e deu uns... chega pra lá nele pra ele parar com isso também. – Qual a reação da sua casa quando isso acontece? – Eu já acostumei, fico de boa, porque meu pai, quando eu era pivete, fazia também, há uns dez anos atrás. Aí eu peguei meio que uma resistência. Mas a minha mãe fica doente. Assim que eles ligam, minha mãe começa a ficar inquieta em casa. A cabeça fica doendo, aí fecha as portas, se tranca todinha, ela toma remédio, fica brigando que não pode assistir televisão [...] Aí, depois, que ela tá com muita raiva, ela pede pra ele baixar. Mas raramente ela toma essa coragem. [...] – Nunca teve nada mais grave, agressão física ou verbal? – Não, não. A única mais grave foi essa vez que minha mãe não aguentou, tava até tendo um festa dentro de casa e tava um barulho, isso uma hora da manhã, quase duas, aí ela não aguentou e chamou a polícia. Aí a polícia chegou com a arma na mão tal, apontou pro pessoal e mandou desligar. Foi o mais extremo que chegou. Violência não. Lá na rua nunca teve não isso. Só uma vez pra cada um, né. A minha mãe já chamou para o vizinho de frente. A vizinha do lado já chamou pra um e pra outro. Só três vezes. Um pra cada um.*

O mal-estar trazido aos moradores desses espaços traz à tona uma questão central. As pressões civilizatórias, que incidem sobre as expressões individuais e coletivas de diversão, denotam a desestabilização de antigas solidariedades socioespaciais. O conforto da vivência de relações relativamente estáveis parece, assim, dissolver-se, abrindo espaço para a interiorização de novas dinâmicas relacionais, ainda pouco compreendidas por aqueles que hoje as vivenciam.

## A Memória da Diversão a Partir da Tensão Entre Imagens-Nós e Imagens-Eu

Sob o efeito cotidiano de sofrimentos, as representações do problema pelos atores envolvidos ganham refúgio nas suas projeções emocionais autocentradas, limitando a compreensão da realidade social a pontos de vista pouco distanciados de seus anseios por conforto e bem-estar. Na compreensão social de homens e mulheres desses residenciais, costuma ficar de fora dos quadros explicativos nativos as dinâmicas que transformaram a vida de avós, pais, desdobrando-se em suas próprias vidas, fazendo com seja recorrente as situações atuais de conflitos. Assim, para compreender as dinâmicas sociais de valorização dos paredões apelaremos para a reconstrução de alguns aspectos dos processos sociais que tornaram possível sua existência e as expressões de repulsa a ele no microcosmo dos bairros e ruas residenciais de São Miguel. Por processos sociais entendemos, de modo mais abrangente, o direcionamento, em um sentido empiricamente identificável, de mudanças ocorridas intergeracionalmente numa configuração particular de indivíduos ligados entre si por redes de interdependência sociofuncional (ELIAS, 1994).

O dissabor das apreciações de alguns personagens envolvidos na trama de conflitos sobre suas condições atuais de vida nos espaços em que residem é facilmente substituído pela imagem de um passado de nuances idílicas recuperado de forma prazerosa. Existe uma tendência ideal entre eles, seja que posição ocupem, de criarem imagens do mundo atual como sufocante, particularizador, desagregador, em que formas mais ternas de solidariedade social não são possíveis de se experimentar.

Maria das Dores tem 50 anos e veio ainda jovem de São Paulo com seus pais morar na cidade, onde há 32 anos reside na mesma rua no bairro Centro, ocupada atualmente por frações da classe média miguelense. A rua se avizinha do bairro de periferia José Torres Filho, resultado de uma política municipal de doação de lotes que teve como consequência a aproximação socioespacial de famílias populares e de camadas socioeconomicamente mais favorecidas.

Nos últimos anos, a moradora tem convivido com expressões ditas incômodas da diversão sonora de alguns vizinhos nesses espaços fronteiros marcados pela presença de equipamentos de som potentes dispostos nas calçadas ou no porta-malas de carros, em torno dos quais festas tem se desenvolvido por horas a fio nos fins de semana e feriados. Maria das Dores procura não criar indisposições nessas ocasiões. Nunca

chamou a polícia, embora enfatize que o controle policial é grande naquela região através de “rondas”. Privilegia a manutenção de uma sensação de paz e tranquilidade entre aqueles com quem divide a rua e todo o bairro. Por causa disso, mantém uma atitude compreensiva e paciente diante dos fatos, resignando-se.

Isso, porém, não a impediu em certa ocasião de manifestar seu descontentamento em relação à invasão de seu espaço. Um de seus vizinhos havia colocado o carro muito próximo da calçada de sua residência, a impedindo de realizar atividades como o estudo ou o simples hábito de assistir televisão no fim de semana. A tensão culminou com a decisão de se pronunciar. Para resolver a situação buscou controlar em si mesma quaisquer expressões de agressividade. Procurou o jovem, o abordou, “por favor, venha cá...”, e o convidou para entrar em sua casa, para que percebesse que era impossível escutar qualquer coisa ou mesmo se concentrar em algo de qualquer maneira. O jovem compreendeu. Consentiu em afastar o carro e continuar a diversão em espaço mais afastado.

A expressão dessa economia da agressividade adotada para garantir a convivência vicinal pacífica se distancia quanto mais a moradora busca na memória as festas populares que tomavam o lugar das ruas do passado vivido em São Miguel dos Campos. Em detrimento de uma paisagem social fragmentada, cujas práticas de lazer popular tendem a se circunscrever a limites doméstico-privativos, como no caso dos paredões, a cidade já foi para ela lugar de festividades que promoviam intensa participação popular.

Antigamente tinha onde mais o jovem se divertir e hoje em dia não tem mais, aí fica na porta tomando uma e curtindo o som... e antigamente, não, antigamente, até pouco tempo atrás, tinha divertimento para o jovem, né?

[...] No natal cada noite tinha uma atração diferente, tinha um pastoril, tinha um guerreiro, tinha uma chegada, tinha a taieira... as tradições, né? Populares. Hoje em dia ninguém sabe se é baiana, né?

A visão dos atores oferece oportunidades privilegiadas de reconstrução das funções de diversão que uns exerceram para os outros no passado. Na medida em que são os próprios indivíduos que compõem as figurações humanas, suas imagens de medo e desejo são indissociáveis do tensionamento das malhas de interdependência a que estão inelutavelmente

presos na vida com outros (ELIAS, 1994). Assim, o que quer que motive a recuperação de um passado idealizado, pacífico, socialmente integrador, sua representação é também produto de transformações do universo prático socialmente compartilhado e emocionalmente experimentado pelos indivíduos no presente.

No que tange a relação entre sociedade, memória e espaço, o trabalho de Maurice Halbwachs (1990) serviu-nos de referência para a reconstrução de marcos das transformações da experiência coletiva no espaço urbano. A ideia de confrontação foi nosso principal instrumento-guia. Toda memória invocada, enquanto intuição intelectual, é perpassada por correntes sociais absorvidas a partir das posições dos indivíduos nos grupos afetivos dos quais fazem ou fizeram parte em algum momento de suas vidas. Mas, ainda assim, os indivíduos são os sujeitos da lembrança. Cada um deles percebe os fatos vividos coletivamente sob a perspectiva de sua experiência emocional pessoal, a partir da memória pessoal dos acontecimentos (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Na década de 1970, em pleno período militar, São Miguel dos Campos já havia transformado sua paisagem urbana com a expansão dos bairros. O núcleo urbano que se desenvolvera ao longo da margem do rio São Miguel ganhara novos agregados, tomando feições mais urbanas. Muito embora o consumo de bens musicais proporcionado pela indústria cultural em ascensão (ORTIZ, 1988) já atingisse, ainda que parcamente, os acervos doméstico-privados populares, seu poder de fornecer imagens para a organização popular de práticas diversionais em torno do consumo de música era limitado. A diversão musical no espaço das ruas e dos bairros, bem como em outros locais públicos mais distanciados, mantinha-se ligada a atividades lúdico-expressivas integradas a uma rotina de trabalho, cultos religiosos e ligações vicinais, como as festas populares católicas. Assim, formavam um repertório mais homogêneo de símbolos de território e identidade nos quais coletividade e espaço se encaixavam.

Ainda que o domínio da diversão privada ganhasse corpo a partir da apropriação individualizada de bens culturais, os espaços públicos eram regulamentados, no que tange a exteriorização das expressões da diversão, a partir do desenvolvimento de tradições diversionais associadas ao catolicismo popular integradas a rotina dos sítios, das plantações de cana e da distribuição altamente descentralizada das moradias nessas propriedades no espaço rural. O calendário das festividades que se desenvolvia ao longo do ano proporcionava um nível de integração do



que poderíamos chamar de espaços de diversão semi-públicos, nos bairros, nas ruas e nas residências através da mobilização de extensos grupos de moradores. O Carnaval, a Semana Santa, o São João e o Natal eram os principais marcos temporais socialmente determinados para o desenvolvimento das festividades populares. Eram definidos também como marcos socioespaciais da diversão.

Tomemos o Carnaval como exemplo. Durante o Carnaval, as divisões do espaço eram representadas pelos lugares nos quais as famílias da classe média miguелense se reuniam, espaços limitados, no mínimo, pelo acesso através de dinheiro, e pelos lugares destinados a massa das camadas pobres. Os clubes, destacando-se o Canavieiros, na parte alta da cidade, e o Acem, na parte baixa, estabeleciam distinções entre os tipos que os frequentavam e os que tinham acesso ao “pueirão”, espaço do mercado público, de grande carga simbólica, onde os mais pobres se divertiam ao som das orquestras de frevo de fora da cidade. Independentemente disso tudo, as ruas se constituíam em unidades relativamente autônomas na promoção dos divertimentos.

O “Carnaval de Rua”, como muitos costumam se reportar, recuperava a cada ano a atmosfera das solidariedades vicinais envolvidas na autoprodução, material e espiritual, das festividades. A “tradição da baiana dos homens do bairro de Fátima” e as quadrilhas de bairro, como muitas outras manifestações populares hoje extintas, mobilizava agentes enlaçados por vínculos socioespaciais que se reproduziam em redes socioafetivas mais ou menos extensas, mas que traziam nos limites urbano-espaciais sua identidade. O espaço urbano era uma dimensão já com alguma participação no equilíbrio das solidariedades grupais, na medida em que, sedimentado na memória, projetava-se socialmente também como imagens da autorepresentação dos moradores, em detrimento da origem rural (HALBWACHS, 1990)<sup>10</sup>.

Num tal contexto sociourbano, a forma dos vínculos, que impunha modos mais sinérgicos de produção e reprodução da vida social e cultural, reduzindo as divisas doméstico-familiares, as distâncias de origem, rural e urbana, exerciam sobre os moradores das ruas, em relação

---

<sup>10</sup> As comunidades que habitavam o território das usinas, no que tange a organização de atividades lúdicas, expressavam nas sociabilidades a relação entre espaço e pertencimento. As usinas Caeté e Porto Rico disputavam prestígio social através de competições de futebol entre seus moradores, bem como através dos pastoris, cocos de roda e cheganças que mobilizavam do campo para se apresentarem na cidade na época natalina.

ao panorama atual de tensões, maior regulação social das expressões, codificadas historicamente a partir de necessidades compartilhadas e supridas, em grande medida, por laços espacialmente determinados. Nessa e em outras ocasiões, os esforços de muitos promoviam um cenário de riqueza cultural relativa sob as condições mais áridas da vida cotidiana de moradores dos bairros populares.

Na década de 1980, uma transformação das lógicas de diversão se operou, reconfigurando as interdependências socioespaciais investidas na autoprodução popular, produzindo tensões até então pouco experimentadas pelas pessoas. O relativo anonimato dos conjuntos tradicionais de metais, os quais poucos poderiam distinguir seus personagens, na medida que o grupo se sobrepujava a elas, perdia terreno para grandes artistas com projeção nacional como Chiclete com Banana, Netinho, entre muitos outros. Junto com esse tipo novo de atração musical, veio a chegada dos trios elétricos que modificou fortemente as divisões do espaço social da diversão.

Os clubes Canavieiros e Acem, além do “pueirão” e o “carnaval de rua” foram progressivamente desarticulados assim como seus personagens e instituições, tais como a “sociedade miguelense”, o “povo”, a “comunidade de bairro e de rua”. Interpelando o público sob a forma de massa, despersonalizando, em grande medida, os atributos culturais particulares dos receptores e suas marcas locais, os trios elétricos pressupunham novas divisões sociais do espaço. A praça do relógio foi o marco simbólico dessa transgressão. Localizada no centro da cidade, a praça, maior espaço público na época capaz de comportar a estrutura do trio, fora escolhida pelos organizadores para comportar também a massa de miguelenses dispostos a se deslocar de suas residências.

Lugar de fluxos cotidianos de transeuntes diversos, de encontros fortuitos, marcava a relativa despersonalização social, a inexistência de divisas socioespaciais tão claras de pertencimento registradas na memória coletiva. A dinâmica diversional movida pela multidão agregada em torno do som era a da aglutinação social fugaz, dispersiva, mas sempre presente. Pode-se imaginar que um novo lugar e uma configuração diferente de espaço público se formavam à medida que as festas se firmavam no calendário da cidade (LEITE, 2002, 2008). A situação era, no entanto, um evento perturbador das categorias de ordenação social, historicamente incorporadas.

Maria das Dores tem suas próprias impressões sobre esses fatos.

Quando você se junta aí parece que a bagunça é mais. Não sei, não entendo. [...] Assim... mas... era mais calmo, era mais tranquilo. E depois que colocou tudo num caldeirão só, né? Parece que a violência começou a aumentar, não sei. Porque antigamente quem tinha suas filhas, alugava uma mesa, levava pro clube, direitinho, tal, e depois debandou foi tudo, aí todo mundo no meio da rua mesmo (risos), avacalhou foi tudo.

A partir da questão do ruído sonoro na cidade podemos recuperar discursivamente o passado por meio de imagens caras ao sentido de autopreservação pessoal e aqueles envolvidos no acirramento de tensões gerado pelas tentativas de demarcar as fronteiras do barulho e, junto com ele, de quem é um “nós” e quem são “eles”. Tais movimentos encadeiam-se em dinâmicas histórico-figuracionais específicas, nas quais as formas de autorregulação outrora cristalizadas se veem em alguma medida sem pontos sociais estáveis de referência. Sinalizamos o princípio da erosão, da desarticulação das sinergias locais-comunitárias na produção das festividades, indicando, mais claramente, uma mudança profunda nas formas de satisfação das necessidades expressivas populares, recorrendo a instâncias mais distanciadas de legitimação cultural como o lazer musical-dançante através da potencialização sonora.

Ao etnografar a ambiência sonora de uma favela carioca, a partir de igrejas evangélicas, Oosterbaan (2009) nota como a potência dos sons e os estilos musicais redefinem o sentido das fronteiras identitárias. Ele aponta para a relação entre as disputas por demarcações da fruição sonora entre moradores – migrantes nordestinos recém-chegados (fórró), moradores mais antigos (pagode), jovens do lugar (funk) e os evangélicos (gospel) – e o estabelecimento de uma política da presença através da música na favela. Ele aponta para como a grande importância da música constitui a demarcação da presença dos grupos através de dinâmicas transterritoriais redefinindo os sentidos de pertencimento e das alianças vicinais. Lá também aparece o recurso à polícia como instância que intervém nas lógicas das batalhas sonoras, pressionando para que os fundamentos musicais da política da presença e dos regimes de prazeres sejam extintos ou controlados.

No caso de São Miguel dos Campos, argumentamos que na medida em que as formas de satisfação de carências para o consumo de bens culturais mercantilizados se reorientavam, perdia força o sentido promovido pelas redes de interdependência humana locais, apontando para a desestruturação mais ou menos veloz dos vínculos socioespaciais e afetivos

até então investidos na promoção das atividades lúdico-expressivas populares. Ganha importância a mobilidade associada à necessidade de circular nas festas de paredões organizadas em bairros diferentes ou nas igrejas evangélicas, especialmente as novidades expressas nas apresentações de bandas e corais.

## **A Reorientação Coletiva da Diversão: as Novas Figurações do Mercado e da Cultura em Uma Cidade do Interior Nordestino**

Os conflitos em torno das festas ambientadas pela superlativização sonora se conectam à questão da reconfiguração histórica dos espaços de lazer populares através da continuidade do processo de autonomização dos indivíduos para a satisfação de suas necessidades através dos mercados de diversão, carregando consigo a marca da erosão das redes socioespaciais que proviam o suprimento de carências das parcelas mais pobres.

O surgimento do São João em São Miguel, empreendimento encabeçado pela prefeitura da cidade, é um marco para uma visão da rearticulação dos espaços e dos modelos de diversão ao alcance das classes populares a partir de uma condição sociourbana historicamente determinada.

A partir de 1989, a prefeitura de São Miguel dos Campos se esforçou para atrair a atenção de toda a região Nordeste para a cidade tendo como matéria a modernização dos festejos juninos. As festividades assumiriam então a figura de um empreendimento econômico-cultural de massa, sem assim se dissociar por completo do modelo tradicional das festividades católicas. Eis o que se pode perceber de alguns desses esforços propagandísticos:

SOCIAL 03/06/90 SÃO JOÃO É SÃO MIGUEL Os alagoanos agora não precisam ir mais a Campina Grande durante os festejos juninos. Agora o “quente” vai ser São Miguel dos Campos. Com a iniciativa do prefeito Francisco Hélio Jatobá em promover uma grandiosa festa de São João e também São Pedro, as atenções voltam-se para as atrações que animam a festança: Moraes Moreira e Pepeu Gomes, dia 16; Beto Barbosa, dia 23; Nando Cordel, dia 24; Alceu Valença, dia 28; e Chicleta [Chiclete] com Banana, dia 29. Sem falar de muita comida típica, concurso de quadrilhas, e ruas melhores ornamentadas, palhoção com muito forró. Com essas atividades pioneiras, Francisco Helio vem realizando um excelente trabalho e valorizando a terra alagoana, e mostrando que temos tudo para concorrer em eventos com outras cidades. Com 87% de

aprovação dos miguelenses, o prefeito Francisco Hélio espera por todos os alagoanos nas festas (CASTRO, 1991, p. 219-220).

São Miguel dos Campos se conectava, com isso, a processos de modernização mais abrangentes na sociedade regional e nacional, ganhando contornos de uma sociedade urbano-industrial e de serviços. Segundo Farias (2005), a sociedade urbano-industrial e de serviços trata-se, em escala nacional, do processo da modernização que diz respeito à expansão das cidades e às grandes transformações econômicas e culturais ocasionadas pela intensificação da atividade industrial e da exploração de serviços, sobretudo após a década de 1930. Como consequência disso, desenvolveu-se estruturas de produção, circulação e consumo especializados em mercadorias culturais as quais tiveram como contrapartida a elaboração de novos repertórios simbólicos baseados em novas condições humanas de modernização, representadas pela complexificação da divisão do trabalho e pela dinamização da economia através da indústria e do comércio, por exemplo. Um reordenamento dos valores operado sob a vigência das relações sociais em conglomerados urbano-industriais, nos quais mercadorias colonizavam cada vez mais espaços da vida, mobilizou a massa de indivíduos, em grande parcela presentes em seus domínios pelo movimento constante dos fluxos migratórios, para a busca da concretização dos sonhos materiais agenciados pela propaganda e alcançados predominantemente pelo dinheiro.

Com o desenvolvimento da indústria cultural até então fortemente baseada na produção e circulação de produtos maquinofaturados, as décadas 1980 e 1990 representaram um salto em direção à exploração do setor de serviços como forma privilegiada de empreendimento capitalista no Brasil. O surgimento de circuitos regionais de festas populares em todo o país condensa de modo particular as novas condições da ecologia dos mercados nacionais. Proporcionado pela esfera técnico-científica que integra a circulação de símbolos em cadeia nacional e pela extensão das trocas monetárias a atividades no plano da cultura antes pouco permeáveis aos usos do dinheiro, as expressões étnico-históricas populares, pelas vias de formação de um mercado de lazer explorado pela infraestrutura crescente de comodificação da vida, ressignificam-se no plano da modernização capitalista, figurando numa economia simbólica de destinos turísticos.

São Miguel dos Campos se integrou a esse cenário de modo particular. Na década de 1980, a redemocratização, a adesão mais ou menos consolidada a estilos de vida urbanos e sua consequência sob as

práticas de consumo cultural, o aumento da concentração urbana e da redução dos postos de trabalho na indústria sucroalcooleira no campo e na cidade, orientada pela reestruturação produtiva do setor, criou condições para que alguns setores da elite político-econômica miguelense assumissem compromissos com novos modelos de desenvolvimento econômico-cultural. Com a capacidade drasticamente reduzida do setor industrial e agrário para absorver mão de obra, criando extensas aglomerações urbanas desocupadas, o São João de São Miguel prometia realocar a força de trabalho para o setor de serviços, impulsionando a rede de comodificação e atenção turística da cidade.

Esse empreendimento sugeria trabalho sinérgico entre a administração municipal e as comunidades de bairro. “[...] concurso de quadrilhas, e ruas melhor ornamentadas, palhoção com muito forró” cabiam às organizações locais tecidas sob laços espaciais, mas não mais sob os mesmos moldes a partir dos quais haviam se constituído. As práticas tradicionais deveriam agora se apresentar como chamariz de atrações turísticas, refuncionalizando as expressões étnico-históricas e de classe em direção à conquista de posições nas economias desenvolvidas sob o olhar do mercado de turismo<sup>11</sup>. É bem aí que a fé nas solidariedades necessárias para tanto se vê abalada pela desestruturação dos vínculos socioespaciais.

Dentre o processo de expansão da estrutura urbana, a criação da Casa da Cultura de São Miguel dos Campos cinco anos antes do início do festival, em 1984, já significava a tomada de consciência dos agentes de poder no município sobre a reconfiguração cultural por que passava a cidade nas últimas duas décadas. Na contrapartida da assimilação das imagens de desejo proporcionadas pelo mercado de bens culturais por camadas urbanas extensas e prestes a se dilatar ainda mais, as políticas culturais da instituição elegiam as manifestações populares de ascendência rural como objeto de conservação e promoviam a intelectualidade miguelense como extremo oposto da modernização cultural dos mercados.

Isso apontava para a debilitação dos vínculos comunitários para prover não só cultura, mas também segurança, assistência material e emocional. A desarticulação progressiva das sociabilidades nos espaços urbanos como limites identitários mais “sólidos” refletiu a desagregação das antigas redes socioafetivas que as ruas constituíam. A sazonalidade do

---

<sup>11</sup> Ver também Canclini (1983).

trabalho agroindustrial das usinas, que particiona o processo produtivo e, conseqüentemente, promove a alocação temporária de mão-de-obra, o desemprego estrutural promovido pela reestruturação do setor sucroalcooleiro e o esvaziamento do campo, exaurindo a capacidade de absorção dos postos de trabalho no setor de serviços, promoveram e promovem, junto a outros fatores, um estado de migração contínua, de estadias transitórias e relações sociais frouxas.

O surgimento de um grande número de casas de aluguel espalhadas por toda cidade, distribuídas pelos diversos bairros, sejam nobres ou populares, é um dos fatores responsáveis pelo estilhaçamento de histórias comuns, que tinham como base as ligações pelo espaço de convivência e suas solidariedades correspondentes, em benefício da fluidez dos vínculos que, sendo muitas vezes conflituoso, contribuiu para o surgimento de economias emocionais antes menos necessárias ou inexistentes.

Já na segunda metade da primeira década dos anos 2000, qualquer expressão popular que denotasse algum voluntarismo comunitário tornou-se rarefeita, difícil de ver se realizar em qualquer plano. Dentre os concursos de quadrilha atualmente existente na festa de São João, que pouco guarda das primeiras realizações<sup>12</sup>, a outrora abundante representação dos bairros se converteu em uma miríade de quadrilhas oriundas de outros municípios alagoanos, composta, em cada unidade, por indivíduos de localidades diversas. Isso tudo concorreu para minar o projeto do São João de São Miguel como fora idealizado.

O esvaziamento parcial das ruas como espaço integrador de sociabilidades, em parte associado a transitoriedade dos aluguéis, abriu espaço para o encapsulamento de indivíduos nas unidades domésticas. Na área coberta pelo município, para além dos bairros e da própria cidade, lugares antes destinados ao lazer popular também se restringiram muito, exigindo a mediação do dinheiro para locomover-se pelo sistema viário que toca a cidade em busca de alternativas viáveis (MAGNANI, 1994). São Miguel dos Campos é margeada por balneários e bicas, riquezas naturais frequentadas, livremente, até o início dos anos 2000, também por populares.

Hoje esses espaços se encontram restritos a entes privativos e para a exploração econômica de serviços como festas e eventos, a exemplo dos balneários do Coité e Tibiriçá, bem próximos à área urbana, deixando

---

<sup>12</sup> O São João de São Miguel perdeu público nos últimos anos, acompanhado pelo decréscimo de investimento público na festa em razão de alegadas crises orçamentárias municipais.

como alternativa conduzir-se para as praias e outros destinos próximos, também sujeitos ao dispêndio considerável de dinheiro no nível familiar. Isso tudo concorreu para a dependência excessiva das famílias das divisas do lar, orientando boa parte das carências por lazer de populares para os mercados domésticos de diversão mais acessíveis.

Não é à toa que o problema civilizatório levantado pela questão do som alto tenha se concentrado especialmente nos bairros residenciais das periferias. Certamente, o desmonte comunitário restringiu as necessidades de lazer de milhares de miguéenses aos últimos lugares social e economicamente viáveis: o espaço doméstico e a calçada. Às vezes a rua.

A alternativa das práticas de lazer nos domínios do lar é sustentada nesse cenário pela confluência de três fatores relacionados entre si. O primeiro, mais amplamente ligado às transformações recentes na estrutura social ocorridas no Brasil, diz respeito ao aumento do consumo de bens duráveis por indivíduos da classe trabalhadora, fato pouco presente na história do país antes dos anos 2000 (POCHMANN, 2014). Essas condições promoveram significativa melhora nas condições de apropriação de bens de consumo duráveis entre as camadas mais pobres em todo o país nos últimos dez anos, pelo menos, contemplando os moradores da periferia da cidade de modo mais ou menos intenso.

No que tange às práticas de fruição musical observadas nos espaços residenciais, destaca-se o acesso a aparelhos de televisão, aparelhos de reprodução de áudio, como sistemas de som, *receivers*, mesas de controle, caixas de som para dispositivos *pendrives*, além de DVDs *players*. Depois, imprimindo maior dinamismo sobre o consumo cultural popular, destaca-se o desenvolvimento recente na cidade do mercado informal-popular de bens e serviços baseados na venda de artigos musicais digitais.

São Miguel dos Campos tem abrigado uma estrutura informal-popular de serviços os quais garantem o contínuo reinvestimento cultural nos acervos domésticos e individuais. Acessados precariamente, deve-se colocar isso, esses meios permitem, não obstante, a participação dos consumidores das mesmas redes de interdependências formadas nos circuitos ampliados de consumo em nível global (FARIAS, 2010). Por último, a presença de *lan houses* nas periferias, nas quais se estabelecem serviços de busca e composição de listas de música selecionadas pela clientela, e as próprias redes pessoais de troca de arquivos digitais através de aparelhos celulares e *pendrives*, se mostraram também efetivos na satisfação das carências diversionais de famílias.



Diante disso, os mercados assumem o norte da orientação das carências por lazer e diversão, mediando as expressões populares da fruição sonora a partir do dinamismo das imagens de consumo produzidas em redes de valorização espaço-temporalmente distanciadas, mas conectadas por circuitos técnico-comunicacionais integrados de difusão e consumo de informação cultural.

### **Considerações Finais**

As tensões sociais em torno do paredão de som em São Miguel dos Campos, embora vividas pelos leitores de jornais como um fato banal do cotidiano, evocam transformações significativas nos modos de vida da população da cidade e de suas redes de interdependências. A elevação de práticas de diversão ao patamar de problema público aponta para importantes deslocamentos nas balanças de poder, nos modos de governo e nos referenciais de aproximação e distanciamento social. Dinâmicas de violações associadas a expulsões das propriedades de usinas e migrações entre cidades têm favorecido a des-familiarização comunitária rural-urbana. Tal movimento encontra-se com esforços para refazer liames afetivos e simbólicos nas novas zonas urbanas de moradia popular. Esses investimentos de recomposição da vida em meio a novas experiências de violações advindas da desorganização das hierarquias e status sociais entre os pobres, materializadas nas novas periferias urbanas de pequenas e médias cidades têm aberto novos investimentos de busca de regulamentação da vida em comum. Tais fenômenos mostram-se úteis para esclarecer alguns dos dilemas enfrentados por populações das pequenas e médias cidades do Norte-Nordeste do Brasil.

O declínio da figuração formada por antigos patrões e trabalhadores rurais, lastreada na concentração dos recursos de justiça de cabresto nas mãos daqueles, não fez com que os corpos dos trabalhadores rurais, de seus filhos e dos migrantes urbanos se afastassem das tradições de agressividade violenta. Estas têm se reproduzido, também sofrendo constrangimentos para que sejam controladas, através de novos fluxos de deslocamento e aproximação social, algumas das quais frutos de violações, entrelaçando-se a negociações políticas clientelistas locais e aos planos federais de crédito para a habitação popular nos últimos 20 anos. Os novos trabalhadores, estranhos uns aos outros, têm composto linguagens de presença mútua que agora passam, para falar com Feltran, por um “mundo social e urbano centrado em coesão de mercado e alteridade radical de status, tomados como faces da mesma moeda” (2013, p.70).

As diferenças de qualificação social vividas como inconciliáveis têm, entretanto, um repertório simbólico limitado e socialmente disponível que parecem formar algumas das direções de canalização das interdependências medidas pelo consumo: a diversão e a religião. Elas tornaram-se lugares de simbolizações basilares da divisão política e de status que lastreiam posições que as pessoas entre si ocupam e com as quais também formam as fronteiras comunitárias para potencialidades de co-presença e co-distância. A boa reputação de estar abrigado sob a cobertura moral de ser um trabalhador pode ser invisível ou polemicamente questionada a depender das formas de criminalização do divertimento e do prestígio de participar de uma congregação.

Afinal, ao se distanciarem do governo total da antiga propriedade rural atrelada à usina canavieira, as valências afetivas encontraram novas formas de governo e dominação anteriormente menos presentes: a polícia como corporação, o tribunal como instituição reguladora dos conflitos e os novos ideais de status relativos ao consumo de divertimento e a boa reputação em ocupar cargos em uma igreja evangélica. A concepção de partilha do sensível de Rancière, como distribuição problematizada de ocupações potenciais, parece interessante para abrir dimensões interpretativas sobre como religião e divertimento estão nas encruzilhadas que partilham os investimentos instintuais das pessoas nas periferias urbanas do Brasil. As partilhas mostram-se condições de formação de políticas de co-presença emuladas pelas técnicas de individuação das subjetividades como as inscritas em paredões de som e em microempreendimentos informais. Formam as próprias fronteiras com as impossibilidades da política da co-presença, na qual o conflito deságua em irrupções poderosamente violentas e mortais.

A paisagem cultural das periferias da cidade repercute mudanças históricas relacionadas ao processo de formação de uma estrutura sociourbana complexa nos últimos 30 anos. Ao mesmo tempo em que São Miguel conhece uma diferenciação econômica relacionada à crescente oligopolização e internacionalização do setor sucroalcooleiro, os diferentes territórios e pessoas da cidade mostram-se mais conectadas a redes entre bairros anteriormente inexistentes, cada vez mais distantes uns dos outros, agrupando trabalhadores informais. Na mesma senda, as recentes zonas de moradia urbana dos mais pobres acabam por expressar as diversas facetas das novas interdependências e sínteses entre o rural e o urbano, entre o Estado e o mercado, a região e o país. Lembramos que a cidade formou-se em meio a fluxos emigratórios e de retorno às diferentes regiões canavieiras do país, incluindo São Paulo.

Como consequência disso, percebe-se, no que tange às práticas culturais, a ampliação do acesso das camadas mais pobres a esferas de ação experimentadas como mais autônomas, as quais os poderes estatal e comunicacional passam a regular com maior intensidade. Na contrapartida desse processo, de modo tenso e não sem reveses, formas de expressão do divertimento na atualidade vêm destacando a autoimagem dos indivíduos como um elemento importante de coordenação das práticas de lazer e diversão. Tais eventos nos fazem repor um conjunto de antigas questões nas Ciências Sociais, mas voltadas para tarefa de abrir dimensões de compreensão do presente. Como podemos lidar com as tensões entre elevadas pressões por individualização dos padrões de avaliação da vida e as pressões advindas de esforços de regulação social, expressa pela maior penetração da polícia e de tribunais nas vidas de uma grande parcela de população dos interiores do Brasil? O que significa a busca por liberdade e prazer nesses novos contextos brasileiros?

## Referências

ASSIS, Wendell Ficher. O moderno arcaísmo nacional: investimento estrangeiro direto e expropriação territorial no agronegócio canavieiro. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 52, n. 2, p. 285-302, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007.

CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CARVALHO, Cícero Pérciles. *Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana*. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2009.

CASTRO, Guiomar Alcides. *São Miguel dos Campos*. 2. ed. São Miguel dos Campos: Gazeta, 1991.

COSTA, Jean Henrique. Interpretando temáticas hegemônicas no forró eletrônico. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 36, n. 1, p. 93-102, jan./mar. 2014.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FARIAS, Edson. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 647-688, set./dez. 2005.

FARIAS, Edson. Reflexões acerca do consumo a partir de pesquisas sobre o comércio informal popular de bens digitais do Distrito Federal. In: FARIAS, Edson. *Práticas culturais nos fluxos e nas redes da sociedade de consumidores*. Brasília: Verbis, 2010. p. 73-132.

FELTRAN, Gabriel Sanctis. Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do “crime” numa tradição musical das periferias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 56, p. 43-72, 2013.

FREITAS, Jacó Geovani de. *Ecos da violência: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

GOMES, Tiago. Briga por conta de som alto acaba em morte na madrugada de réveillon em São Miguel dos Campos. *Alagoas Web*, São Miguel dos Campos, 1 jan. 2012. Disponível em: <http://www.alagoasweb.com/noticia/15285-briga-por-conta-de-som-alto-acaba-em-morte-na-madruga-de-reveillon-em-sao-miguel-dos-campos>. Acesso em: 18 mar. 2018.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HEBENBROCK, Josuel Mariano da Silva. Calcinha preta, garota safada e aviões do forró: a cultura do paredão eletrônico no sertão cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p. 1-14.

KENNEDY, David. Som alto tira o sossego de moradores de bairro em São Miguel dos Campos. *Alagoas Web*, São Miguel dos Campos, AL, 6 fev. 2011. Polícia. Disponível em: <http://www.alagoasweb.com/noticia/7074-som-alto-tira-o-sossego-de-moradores-de-bairro-em-sao-miguel-dos-campos>. Acesso em: 18 mar. 2018.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares da Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 115-134, jun. 2002.

LEITE, Rogério Proença. Localizando o espaço público: gentrification e cultura urbana. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 83, p. 35-54, dez. 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O lazer na cidade*. 1994. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/lazernacidade.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2016.

NICÁCIO, J. C. Casal é notificado por desobedecer portaria que proibir uso de som em São Miguel dos Campos. *Alagoas Web*, São Miguel dos Campos, 13 fev. 2013a. Disponível em: <http://www.saomiguelweb.com.br/noticia/23971-casal-e-notificado-por-desobedecer-portaria-que-proibir-uso-de-som-em-sao-miguel-dos-campos>. Acesso em: 18 mar. 2018.

NICÁCIO, J; C. Justiça proíbe som automotivo em qualquer dia ou horário em São Miguel dos Campos. *Alagoas Web*, São Miguel dos Campos, 9 fev. 2013b. Disponível em: <http://www.saomiguelweb.com.br/noticia/23900-justica-proibe-som-automotivo-em-qualquer-dia-ou-horario-em-sao-miguel-dos-campos>. Acesso em: 7 mar. 2016.

OOSTERBAAN, Martijn. Sonic supremacy: sound, space and charisma in a favela in Rio de Janeiro. *Critique of Anthropology*, Groningen, v. 29, n. 1, p. 81-104, mar. 2009.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 2. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1988.

POCHMANN, Márcio. *O mito da classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 2014.

PRIMEIRO encontro de paredão em São Miguel dos Campos é um sucesso. *Al Notícias*, Alagoas, 13 abr. 2013. Disponível em: <http://www.alnoticias.com.br/noticias/primeiro-encontro-de-paredao-em-sao-miguel-dos-campos-e-um-sucesso/>. Acesso em: 18 mar. 2018.

PROPRIETÁRIOS: paredões ou som alto em São Miguel dos Campos terão sua fiscalização reforçada. *Via Alagoas*, Alagoas, 30 nov. 2014. Disponível em: <http://www.viaalagoas.com.br/30/11/2014/proprietarios-paredoes-ou-som-alto-em-sao-miguel-dos-campos-terao-sua-fiscalizacao-reforcada/>. Acesso em: 7 mar. 2016.

QUEIROZ, Allan Souza. *Entre a formalização e a precarização: o trabalho e o emprego dos cortadores de cana de Alagoas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. *Mercados ilícitos e padrões sociais de agressividade: condições estatais e mercantis de um circuito de bailes de reggae em “periferias” de Maceió, AL*. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 9(1), 2019, p. 199-227.

RODRIGUES, Fernando de Jesus; SOUZA, Letícia. Erotismo dançante e as distâncias sociais entre homens e mulheres no Brasil. *Latitude, Tabuleiro do Martins, AL*, v. 11, n. 1, 2017, p. 73-120.

SANTOS, Adail Antônio. *São Miguel dos Campos é outra história*. Maceió: Edições Nosso Mundo, 2007.

SOM alto acaba em morte em São Miguel dos Campos. *Cada Minuto*, [Alagoas], 17 fev. 2011. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/107473/2011/02/17/som-alto-acaba-em-morte-em-sao-miguel-dos-campos>. Acesso em: 28 abr. 2015.

SOM alto leva Polícia Militar a descobrir que denunciado era procurado. *Via Alagoas*, Alagoas, 14 dez. 2015. Disponível em: <https://www.viaalagoas.com.br/2015/12/14/som-alto-leva-policia-militar-a-descobrir-que-denunciado-era-procurado/>. Acesso em: 18 mar. 2018.

TROTTA, Felipe. Som de cabra-macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidades no forró. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, ano 9, v. 9, n. 26, p. 151-172, nov. 2012.

VELHO, Gilberto. *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

**Declaração de Co-Autoria:** “Nido Farias dos Santos foi responsável pelos argumentos do artigo, pela organização dos dados e pela redação. Fernando de Jesus Rodrigues foi igualmente responsável pelos argumentos do artigo, pela organização dos dados e pela redação. As mútuas intervenções textuais ao longo do processo foram feitas nas diferentes seções do artigo.”